

MÁRCIA VIEIRA

COMO SE TORNAR UM

CHAMPÃO!

A HISTÓRIA DE
ADRIANO DE SOUZA,
O MINEIRINHO,
DA POBREZA AO
TÍTULO MUNDIAL
DE SURFE

COMO SE TORNAR UM

CAMPÊÃO

MÁRCIA VIEIRA

COMO SE TORNAR UM

CAMPÊÃO

A HISTÓRIA DE
ADRIANO DE SOUZA,
O MINEIRINHO,
DA POBREZA AO
TÍTULO MUNDIAL
DE SURFE

Para Vieira e Hilda, por tudo.
Para Beatriz, Caetano e Fábio, sempre.

Márcia Vieira

PRIMEIRA PARTE

A FORMAÇÃO DO CAMPEÃO

CAPÍTULO 1 | OBSTINAÇÃO

Como transformar a dor em estímulo **15**

CAPÍTULO 2 | DISCIPLINA

A dura lição da pobreza **21**

CAPÍTULO 3 | PAIXÃO

Flutuando nas ondas de um sonho **26**

CAPÍTULO 4 | RESILIÊNCIA

Aventuras de um menino ao redor do mundo **32**

CAPÍTULO 5 | FOCO

O longo caminho até a elite **40**

CAPÍTULO 6 | AUTOCONTROLE

À procura do equilíbrio **51**

CAPÍTULO 7 | HUMILDADE

Aprendendo a enfrentar os gigantes **58**

CAPÍTULO 8 | SUPERAÇÃO

A vitória na etapa mais tradicional do circuito **70**

CAPÍTULO 9 | OUSADIA

A “criptonita” de Kelly Slater **78**

SEGUNDA PARTE

A CONQUISTA DO TÍTULO

CAPÍTULO 10 TEMPESTADE À VISTA	97
CAPÍTULO 11 MANOBRAS DE UM VENCEDOR	107
CAPÍTULO 12 FORÇA, EQUILÍBRIO E AMOR	119
CAPÍTULO 13 A ÚLTIMA BATALHA	137
CAPÍTULO 14 O PRÓXIMO DESAFIO	153
GALERIA DE FOTOS	162
AGRADECIMENTOS	169

APRESENTAÇÃO

“Não quero que minha história se perca.” A frase, dita por Adriano de Souza para explicar a razão principal por que este livro foi feito, tem um significado muito maior do que parece. Adriano é um sujeito de poucas palavras, na maioria das vezes. Mas, nas nossas longas conversas, o campeão mundial de surfe de 2015 jamais fugiu de qualquer pergunta ou tentou driblar assuntos controversos. Também não pediu que omitisse passagens difíceis da sua vida. Seu desejo era exatamente este: garantir que a sua história fosse conhecida e pudesse inspirar outras pessoas a serem vencedoras. Queria vê-la registrada com tudo o que ela tem de bonita, assim como com tudo o que tem de polêmica. Uma história que mistura pobreza e determinação, que contrapõe preconceitos intimidadores à obstinação vitoriosa. Não foi nada fácil o percurso de Adriano da favela no Guarujá, onde nasceu, até o título no Havaí.

Nossa primeira conversa foi por Skype. Seis horas da manhã no Rio, início da noite na Austrália. As conversas continuaram via internet, ajustando-se a fusos horários, treinamentos e competições. Dois meses depois, Adriano finalmente veio ao Brasil. Combinamos um encontro em Florianópolis, cidade onde vive com a mulher, Patrícia Eicke, no confortável apartamento com vista para o mar, repleto de troféus conquistados ao redor do mundo. Ali ele só fica de fato três meses ao longo do ano. No resto do tempo está competindo ou

correndo atrás de boas ondas em alguma praia. Andamos também pelas vielas da favela Santo Antônio, no Guarujá, onde foi recebido aos gritos de “o campeão voltou” pela garotada e os velhos amigos contaram histórias que nem ele lembrava mais.

À medida que a história de Adriano foi se revelando, minha admiração foi crescendo. Ficou claro que ela não deveria mesmo se perder e que este não seria um livro apenas para surfistas ou aficionados do esporte. A improvável vida de Adriano demonstra que é possível agarrar uma oportunidade — no caso dele, uma prancha de surfe aos oito anos — e reinventar o destino. Como diz ele: “A luta pode ser difícil, mas vencer é possível.”





PRIMEIRA PARTE

A FORMAÇÃO DO CAMPEÃO



CAPÍTULO 1

OBSTACULIZAÇÃO

COMO
TRANSFORMAR
A DOR EM
ESTÍMULO

Dezembro de 2014. Já haviam se passado nove anos desde que Adriano de Souza, o Mineirinho, estreara no seleto grupo que compõe a elite do surfe mundial. Pela primeira vez, desde então, ele deixaria de disputar a última etapa do Circuito Mundial, em Pipeline, no Havaí, palco das ondas mais cobiçadas do planeta. Ficar de fora havia sido uma decisão extremamente difícil. Aos 27 anos, seu desejo era competir a qualquer custo, ignorando as dores, como já havia feito na etapa anterior. Resistiu, mas acabou sendo convencido pelo fisioterapeuta Alison Paz de que era hora de recuar, de adiar a luta e se concentrar em sua recuperação para a temporada do ano seguinte.

Desde a adolescência, Adriano se transformara numa máquina de competir. Ser campeão do mundo era sua obsessão. Àquela altura, ele ocupava a oitava posição no ranking mundial e era apontado como líder da chamada Brazilian Storm (tempestade brasileira), expressão criada pela imprensa americana para se referir à nova leva de surfistas brasileiros que despontara nas competições desde 2011. Tamanho destaque seria considerado uma proeza para qualquer surfista, mas foi um feito especialmente notável para quem havia nascido e crescido numa favela. Apesar de 2014 ter sido um ano histórico para o surfe brasileiro, não foi nem de longe o melhor de sua carreira.

Em maio, enquanto treinava no Rio de Janeiro para a etapa brasileira do circuito, Adriano levou uma pancada da prancha na

virilha e lesionou o músculo que faz a flexão do quadril, o que provocou um grande edema. Com a ajuda de Alison Paz, e de até seis horas de fisioterapia por dia, o inchaço foi reduzido em 70%. Mesmo contundido, Mineirinho seguiu na competição até o round 5 e foi o brasileiro mais bem colocado na etapa.

Um mês depois, também durante um treino, foi atingido no rosto pela prancha de outro surfista enquanto flutuava dentro de um tubo, em Keramas, Indonésia. Além de fraturar o nariz e levar dois pontos, torceu o tornozelo. A maré de azar não parou por aí. Em outubro, no round 3 da etapa de Portugal, em Peniche, torceu o joelho, tendo uma ruptura praticamente total do ligamento colateral medial e outra parcial do cruzado anterior do joelho direito. Saiu da água mancando, com fortes dores. Ainda assim, chegou até as quartas de final, quando perdeu por muito pouco para o sul-africano Jordy Smith.

De volta ao Brasil, iniciou longas e doloridas sessões diárias de fisioterapia. As lesões eram sérias. Adriano escapou de uma cirurgia que o deixaria longe das competições por pelo menos metade do ano, mas teve de abrir mão da última etapa. Em 13 de novembro de 2014, anunciou na sua página numa rede social a decisão de ficar de fora da etapa de Pipeline:

Fala, galera. Infelizmente, não deu. Não irei competir no Havaí. Uma tristeza, pois fui em todos os anos para a Tríplice Coroa, desde 2006. Eu me reuni com a equipe médica e minha família e foi decidido que não terei condições de competir na última etapa do ano. Ficarei em tratamento intensivo, fisioterapia e repouso para que esteja 120% em 2015. O sonho não acabou, foi somente adiado para o ano que vem.

Boa sorte a todos do Brazilian Storm que estarão competindo no Hawaii este ano. Sucesso aos que estão tentando se classificar e àqueles que estão tentando se manter no WCT (World Men's Championship Tour, o Circuito Mundial). Aos que já estão

garantidos, fica minha certeza de que irão dar um show. Por fim, muito boa sorte ao Gabriel Medina, que, se Deus quiser, trará esse título para o Brasil.

No momento em que foi definido o novo campeão, Adriano estava no seu apartamento no bairro Astúrias, no Guarujá. Em frente à tela do computador, acompanhou, tarde da noite, ao vivo, as baterias que levaram Gabriel Medina a conquistar o primeiro título mundial de surfe para o Brasil às vésperas de completar 21 anos. Estava feliz pelo título do amigo, mas extremamente decepcionado por não ter realizado o sonho de ser o primeiro campeão brasileiro.

Não foi fácil.

Doeu.

Muitos amigos acharam que Adriano desistiria de vez de brigar pelo título. Poderia continuar na competição sem sofrer tanto, aproveitando mais as viagens, brigando apenas para estar entre os dez melhores do mundo, o que já seria um excelente resultado num campeonato tão concorrido.

O atual Circuito Mundial de Surfe, organizado pela empresa americana World Surf League (WSL — Liga Mundial de Surfe), reúne 32 atletas que disputam onze etapas em praias ao redor do globo. Para entrar nesse grupo é preciso passar pelo World Qualifying Series (WQS — Série Mundial de Qualificatórias), uma espécie de segunda divisão do surfe. Cerca de mil surfistas competem em etapas da série ao longo de cada ano, almejando conquistar uma das dez vagas que garantem lugar na elite do ano seguinte. E, para se manter, é preciso se classificar entre os 22 primeiros a cada ano. A briga é feroz, mas lucrativa. A WSL distribui cerca de 5,5 milhões de dólares por ano em premiações. Há surfistas que se mantêm na elite por anos, curtindo cada etapa em praias paradisíacas, como as do Taiti e de Fiji. Aproveitam as festas que acompanham a caravana e, no fim do ano, levam para casa pelo menos 100 mil dólares em premiação, além do que recebem dos seus patrocinadores.

Para ser campeão do mundo, entretanto, é preciso se divertir menos e se dedicar muito mais. É preciso estar disposto a fazer sacrifícios, como treinar com o mar em condições adversas e viver a maior parte do ano longe da família. E é com esse tipo de compromisso que Adriano encara sua vida no surfe profissional.

O revés de 2014 deixou em evidência um dos traços mais fortes da personalidade de Mineirinho: não se dar por vencido diante das maiores dificuldades, ainda que desistir seja, aparentemente, o caminho mais sensato. Desistir não é com ele.

A vitória de Gabriel Medina, depois de apenas três anos na elite, tirou da cabeça de Adriano a cisma antiga de que nunca um brasileiro conseguiria ser campeão mundial. Ele tinha boas razões para acreditar nisso. Em 39 anos de circuito, desde que os havaianos Fred Hemmings e Randy Rarick criaram a International Professional Surfers (IPS — Associação de Surfistas Profissionais), que em 1983 se tornou Associação dos Surfistas Profissionais (ASP) e em 2015, finalmente, a atual WSL, somente dois atletas haviam rompido o domínio de australianos, americanos e havaianos (apesar de serem oficialmente americanos, dentro da água os havaianos fazem questão de se diferenciar de seus compatriotas): o sul-africano Shaun Tomson, em 1977, e o inglês criado na África do Sul Martin Potter, em 1989. A vitória de Medina provou que a maré havia mudado.

A frustração de Adriano diante do computador virou motivação. Naquela noite no Guarujá, ao lado da noiva, Patrícia Eicke, ele começou a dizer mentalmente que sua hora chegara. Repetia isso para si mesmo trinta vezes ao dia, mesmo quando olhava para o joelho lesionado, que naquele momento não o deixava sequer caminhar. Estava certo de que conseguiria.

Decidiu que tiraria algo positivo da experiência. Juntou os cacos e dali surgiu um novo Adriano. A obsessão pelo título mundial deixou de ser um desejo cego e se tornou uma possibilidade concreta. Aproximava-se o momento em que Adriano brilharia nas ondas de Pipeline. O caminho, porém, não seria nada fácil.

2/12/2015 ÀS 19H13: VOU SER CAMPEÃO MUNDIAL

8/12/2015 ÀS 18H39: VOU SER CAMPEÃO MUNDIAL

15/12/2015 ÀS 19H25: VOU SER CAMPEÃO MUNDIAL

16/12/2015 ÀS 16H57: VOU SER CAMPEÃO MUNDIAL

17/12/2015 ÀS 5H33: VOU SER CAMPEÃO MUNDIAL

17/12/2015 ÀS 10H53: VOU SER CAMPEÃO MUNDIAL

18/12/2015 ÀS 17H: EU SOU CAMPEÃO MUNDIAL, EU VENCI, EU CONSEGUI.

(DO BLOCO DE NOTAS DE ADRIANO DE SOUZA)

ISBN 978-85-510-0169-1



www.intrinseca.com.br